

Universidade Federal da Paraíba.
Centro de Formação de Professores.

O Alfabetizador e os Problemas Linguísticos.

*Vedição de [illegible] para [illegible]
A [illegible] [illegible] [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible]*

O Alfabetizador e os Problemas Linguísticos.

Francisca Neuma Magalhães do Nascimento.

O Alfabetizador e os seus Problemas Linguísticos.

Trabalho de aproveitamento da disciplina Linguística, ^{II}Portugues VI, do programa de Licenciatura em Letras da Universidade da Paraíba, sob a orientação do professor Aderson.

Cajazeiras - Pb - 1991.

SUMÁRIO

Introdução

1 . Os problemas do Alfabetizador	7
1.1 O Alfabetizante e o conhecimento empírico ...	8
2. O que é Alfabetizar	9
2.1 Dificuldades da Fala e da Escrita.....	9
3. O que deve ser mudado	12
Conclusão.....	13
Bibliografia	14.

I N T R O D U Ç Ã O

Nosso trabalho tem como objetivo citar alguns problemas que tem enfrentado a maioria dos alfabetizadores.

Detectamos ainda o que seja conhecimento empírico de que tanto se fala, quando da vinda dos alfabetizantes para a escola, uma vez que sabemos ser uma verdadeira barreira que se depara os alfabetizadores, quando ao receber alguém para alfabetizar, seja criança ou adulto já traz uma gama de conhecimentos, os quais muita das vezes é "castrado" pelo professor.

Veremos ainda o que é alfabetizar, quais são as dificuldades em relação a fala e a escrita e por fim tentaremos contribuir citando algumas sugestões para que haja uma mudança no que tange a educação da criança ou adulto que pela primeira vez vai a escola como aprendiz das primeiras letras.

1. Os Problemas do Alfabetizador

Parágrafo longo

Os problemas do alfabetizador de hoje em relação às questões linguísticas, não são nem longe com - parados com os de vinte anos atrás, ^{quando} onde o professor que terminava um pedagógico, não tendo recebido noções de linguística cometia as maiores aberrações no que diz respeito à fala e à escrita, uma vez que os alunos sob sua direção, estavam fadados a aceitar a imposição do mestre, nas suas mais variadas distorções linguísticas.

Alfabetizar era tarefa de quem tinha muitas vezes só o ginásio, alfabetizar era apenas mostrar ao pequeno aluno sob sua orientação que $B + A$ era igual a BA .

Fazer a "assoletração" não era tarefa difícil, quem não tinha jeito para ensinar, ia para a sala de alfabetização, num total desrespeito à criança, sem material didático, sem nenhuma atração para chamar a atenção do aluno.

Era por assim dizer uma total inconpreensão, um total analfabetismo em relação à alfabetização.

Hoje, estudando linguística é fácil avaliar os erros cometidos, as injustiças praticadas neste aspecto.

Os problemas de hoje como os de outrora, eram além da questão da falta de orientação por parte do professor ainda maior, porque não tínhamos nenhuma oportunidade de frequentar as universidades, de fazer reciclagem, de renovar os conhecimentos adquiridos na escola de segundo grau, como técnico do magistério.

Passar semanas a fio ensinando a mesma lição, soletrando as mesmas palavras, para que o aluno decorar era tarefa para o alfabetizador, que se dava por satisfeito se ao menos isso conseguisse atingir no decorrer do semestre.

Acreditamos que ainda é tempo de repararmos estes erros, e passar a orientar melhor os professores do segundo e terceiro grau para que a alfabetização não chegue a ser uma amolação, mas uma necessidade imperativa para acabar com o analfabetismo no país como um todo.

evite abusar do uso de "para"

1.1 O alfabetizante e o conhecimento empírico.

E' bom lembramos que o aluno que vem para as nossas escolas, sejam elas de classe média, pobre ou rica e aí é bom frisarmos, todas elas, sem nenhuma distinção de classe, seja para qualquer escola - municipal - estadual - particular, já nos chega com uma gama de conhecimentos em relação a vida, ao cotidiano, ao seu dia a dia que deve ser respeitado, e não só respeitado, mas sobretudo aproveitado porque alfabetizar também é renovar a vida em todos os aspectos que ela nos apresente.

Devemos respeitar, os seus conhecimentos aproveitá - los, mesmo na sala de aula, enriquecendo assim o que chamamos conhecimento e isto mais precisamente se o alfabetizante é um ser adulto, assim, deve ser ouvido : experiência de vida, de trabalho, como profissional, seja qual for a sua profissão: pedreiro, alfaiate, marceneiro, limpador de carro, varredor de rua, a cada um deve ser dado a oportunidade de falar, de expressar seus sentimentos, suas experiências, devem ser colocadas como motivo a uma aula dinâmica, partindo daí a própria alfabetização, das suas experiências, da sua vida, o aluno vai observar que é gente, que o que faz, serve não só como meio de vida, mas como início da sua alfabetização, tornando assim uma alfabetização completa, partindo da própria vida do alfabetizante.

O alfabetizante criança, como adulto necessita por demais de ser ouvido, entendido, para isso é necessário que o alfabetizador tenha conhecimento não só na área da educação, conhecimentos gerais, mas precisamente conhecimento linguístico para melhor compreender o aluno, que em suas mãos, sob sua orientação passará a ser alfabetizado.

*entre
ordem melhor
os idios em frases curtas*

de quem?

*Meio tempo
singelas e plenas*

2. O que é Alfabetizar ...

Alfabetizar
 É antes de tudo e mais precisa - mente mudar a situação das nossas escolas de magistério.

É adotar medidas para beneficiar sobretudo o técnico em educação, que hoje é mal preparado.

É buscar as razões, as causas do grande índice de analfabetismos no país.

É tentar criar leis nossas, compatíveis com a nossa realidade, com as nossas necessidades que são as mais cruciantes do mundo.

É reciclar os nossos técnicos em educação que não conseguiram chegar a universidade e daí não tiveram a oportunidade de renovar os seus conhecimentos.

É dar condições ao professor que alfabetiza, de ter meios para ensinar, ensinando a fazer fazendo, o que precisa ser feito é uma mudança total, no que diz respeito à alfabetização, desde as primeiras letras, como mostrar - las aos nossos alunos sejam crianças ou adultos, ambos são cegos nas letras, ambos têm sede de aprender é preciso sim, tomar consciência disso, autoridades, professores da educação, mestres na linguística, todos de uma maneira ou de outra são responsáveis por esta praga que é o analfabetismo.

2.1 Dificuldades da fala e da escrita.

Uma diversidade, muito delicada é que existe entre a fala e a escrita. É a escrita que as gramáticas normativas escolares focalizam, esquecendo que o estudante já vem para a escola falando satisfatoriamente, embora não seja de acordo com as normas formais do uso culto. *quem?*

Ele predomina a linguagem do convívio familiar, a técnica da escrita é diferente, daí a dificuldade que tem o alfabetizador de entender, a transmissão dos conhecimentos

É bom lembrar que a língua escrita é muito diferente da **falada**, daí o meu erro como alfabetizadora, quando queria à fina força que os alunos pronunciassem corretamente as palavras que eles pronunciavam no dia a dia, no convívio do seu lar.

Quando fazia pequenos ditados com os pequenos, busava pronunciar corretamente na certeza de que estava fazendo o melhor. quando na verdade estava "castrando" o aluno na sua fala.

Quando dizia :banana, às vezes percebia que as crianças em sua maioria colocavam enes a mais, ia assim pronunciar ba na - na, sem preocupar - me com as dificuldades que estes alunos poderiam ter. Copo, escreviam copu, lá ia fazer a correção ditando CO - po, sem explicá - los a razão, mesmo porque nem eu mesma sabia explicar. Escrever CASA com K no início e Z no final era comum, assim como também rosa com Z e não s. E isso acontecia com todas as outras palavras derivadas destas. Como não tinha eu conhecimento de linguística, o que fazia era simplesmente condenar os alunos por não aprender e apreender o que dizia, e até pensar que estivesse lidando com "burros" ou coisa parecida, num total desrespeito aos alunos e ignorância minha sobre a linguística.

Hoje é possível a mim saber o que é um símbolo na linguística, ^{ica} o que antes não sabia, como também não era possível meus alunos saberem. Os riscos que hoje são símbolos, não passavam de letras, porque como alfabetizadora (que era) orgulhava - me de dizer aos alunos que eram letras do alfabeto da língua portuguesa.

Quanto à forma das letras, geralmente se ouvia dizer que havia alguma semelhança, daí as perguntas das crianças na escola de alfabetização - é um m de duas pernas ou de três? É incrível é que ainda hoje, não sei responder com consciência esta / questão. Ainda em relação a forma das letras podemos observar como é difícil para o aluno distingui - las por exemplo : p e b, sendo ~~á~~ numa ficha, viradas são idênticas, o d e o b, o a manuscrito com a letra o também manuscrito só difere a perninha. O g do q também manuscrito vai depender do buchinho de ambos para ser reconhecidos.

Ainda há a semelhança na escrita manuscrita em relação ao O maiúsculo e o Q cuja diferença é apenas um rabinho.

Quanto ao signo linguístico ao qual todos nós nos apoiamos é por demais complicado - "une não uma coisa e uma palavra mas um conceito e uma imagem acústica. O caráter psíquico de nossas/imagens acústicas aparece quando observamos nossa própria linguagem.

Uma outra dificuldade que nos apresenta é quanto a posição da letra na palavra como por exemplo na palavra : rato é o o que temos no final, mas lemos como se fosse u, assim acontece com todas as palavras que utilizamos na sala de aula. A palavra Sal o l é pronunciado como u, hoje sei a razão de toda isso, mas antigamente não, são as relações entre som - letra que por sinal são inúmeras, incalculáveis. Verificamos que um s entre duas vogais tem som de z, mas isso também suas variações, nem sempre isso acontece. Há o caso do variado número de casamento das letras em relação a posição em que se encontra.

Por tudo isso sabemos que o mais importante é que o alfabetizador entenda a mensagem que o alfabetizante está a lhe / transmitir oralmente por exemplo : profesora ontem comi dois ovuuu: ainda minha vótem quarenta anu e tantos outros que estamos acostu - mados a ouvir e sabemos o que ele significa.

O que nos deixa contente é que sabendo hoje que a trans missão das palavras através da rima é aconselhável, isto foi a preocupação maior como alfabetizadora, sem ter tido a orientação para tal, daí ter tido sempre resultado neste aspecto.

Ainda chegamos a observar o que nos diz alguns linguistas em relação a fala na escrita é que existe os vários tipos de casamentos entre os sons, que a letra pode representar em várias posições em que se apresentam, tornando assim, muito difícil para o alfabetizador, quanto maior para quem está sendo alfabetizado. É o que nos mostra Miriam Leme no seu livro : Guia Teórico do Alfabetizador.

"A primeira é a relação ideal denominada monogâmica em que uma letra corresponde a um som e um som é representado por uma só letra. Poligamia uma mesma letra representa ora um tipo de som da fala, de pendendo do contexto no qual está colocada."

3. O que deve ser mudado

Não seria ousadia da nossa parte tentar sugerir algumas mudanças no que tange as disciplinas oferecidas nos cursos que formam professores como o pedagógico e o próprio curso de pedagogia em nível de terceiro grau, quando a disciplina - linguística não chegamos a saber o que seja.

Verificamos que em ambos os cursos ^{Quais? quais?} não há esta preocupação por parte dos elaboradores das ofertas de disciplina, quando na verdade para ser um bom educador, principalmente em alfabetizar é por demais necessário o conhecimento da linguística, para diminuir os erros aberrantes que se comete com os alfabetizantes.

Seria de bom alvitre que a linguística no português e em pedagogia, porque não, fosse repensado, para não se perder tanto em partes que não são tão necessárias para o dia a dia do professor como transformador da educação.

Como a maioria dos nossos cursos pedagógicos são os mais aceitos e os que mais convocados ^{há} para a área de **alfabetização**, sugeríamos que houvesse por parte da Universidade um introsamento com os dirigentes destes cursos para introduzir linguística nos mesmos para facilitar a compreensão dos estudantes em curso Técnico Pedagógico não só noções, mas o que realmente é preciso, é importante para se praticar uma boa alfabetização, uma vez que em tempos idos não havia esta preocupação.

Acredito outrossim que a grande dificuldade em alfabetizar está justamente nesta falta de conhecimento por parte do alfabetizador nestes aspectos linguístico, colocando em risco a eficiência dos alfabetizantes, quando de casa já vem trazendo conhecimentos que poderiam ser aproveitados, diminuindo em grande parte a evasão escolar neste período, e sobretudo muita desistência por parte dos professores em alfabetizar.

CONCLUSÃO

Elaborado o trabalho de linguista, depois de alguns estudos e sobretudo pela experiência de vinte anos / de alfabetização, chegamos a seguinte conclusão +

É por demais importante a disciplina que nos referimos em todos os seus aspectos e mais precisamente para o professor de alfabetização seja ela de criança ou adulto uma vez que ambos como iniciantes das primeiras letras, tem as mesmas **dificuldades e necessidades.**

Que o conhecimentos de algumas técnicas também é preciso ser visto para enriquecer quem vai alfabetizar uma vez que ainda se tem a triste idéia de que para alfabetizar é preciso se ter só o BA como conhecimento, e sabemos que é falsa essa **idéia**, que para alfabetizar é mais sério do que pensamos.

Por fim tivemos a pretensão de sugerir alguma coisa para que seja repensado, revisto, refeito, o que se tem feito pela classe de alfabetização.

B I B L I O G R A F I A

- 1 . CAMARA JUNIOR, Joaquim Matoso, *Estrutura da língua portuguesa*, Petrópolis, Vozes, 1986.
2. LEMLE, Miriam. *Guia teórico do Alfabetizador*, São Paulo, editora ática, 1990.

